

Severo Sarduy
CANTANDO SEUS MALES ESPANTAM
(Fragmento)

Na sua definição de neobarroco, Severo Sarduy nos fala de uma “leitura radial”, onde a sucessão de significantes prolifera, amplifica-se, até chegar a uma espécie de vazio, de obliteração do significado. Neste fragmento do seu segundo romance *Cantando seus males espantam* (*De donde son los cantantes*, 1967) o escritor cubano nos dá uma amostra de escritura como tatuagem, acumulação de palimpsestos. As heroínas Auxílio e Socorro, personagens/mise-en-abîme, multiplicam-se sob a ordem de “metamorfose!” montando um caleidoscópio residual dos temas que permeiam o romance: religiões: oriente/yoruba, artefatos da sociedade industrial de consumo transmutados pela estética pop; o discurso carnavalesado dá-se também na passagem do divino ao profano: deusas-hindus-prostitutas fazendo ponto.

Tapeçaria neobarroca, vincada no tear caribenho (Lezama Lima, Carpentier, Cabrera Infante). Dívidas edípicas com Lezama, que remontam a Góngora.

A versão para o português conta com os galácticos retoques de Haroldo de Campos. Xadrez barroco.

Num piscar de olhos, ouve-se o grito: “Metamorfose!” em Si Bemol, e de imediato surgem as Duplas montadas em Lambrettas de corrida, a toda, armadas de metralhadoras Thompson, facas bífidas, dardos, lança-chamas, pistolas pum-pum, granadas-de-mão e bombas lacrimogêneas. Hélices capilares coroadas de capacetes, o que é muito natural num bairro tão mal freqüentado. Causa muito mais assombro o fato de cada Uma estar provida de três cabeças e sete braços. Vejam só o artefato de alumínio tetradecápodo e hexacéfalo!

Minha nossa, que aparelhagem! Êta bandinha Shivaica! Os quatro flautins-fêmur tremem debaixo das quatorze cornetas que cospem luz amarela, e estas, por seu turno, sob as cabeças das Papisas do Taro. O córrego albino flui entre ouros e paus.

Deste arroio arranca Auxílio um cabelo; dá dois nós, assopra, e ao grito “Metamorfose!” ele se converte numa cobra que serpenteia no ar com uma borboleta na boca, que se rompe contra o chão e é camaleão, sapo, camarões de chumbo. Abarrota assim a praça de animais: macacos atores, antílopes

vermelhos sobre relógios de sol, gralhas assustadas, camelos carregados de órgãos hidráulicos, leopardos, lincees, ursos que fogem das motocas.

Socorro diverte-se e ri entre soluços, como se lhe fizessem cócegas com uma pena no umbigo, até que Auxílio impõe ordem de novo e todas as criaturas, antes de chegar às calçadas, tornam-se pássaros que levantam vôo.

A luz da lua parece filtrada por um aquário.

Unidas pelo umbigo, motocicletas siamesas, as Lambrettas duplicam: quatro triângulos opacos. Por trás, um rio de parafusos e porcas enferrujadas divide uma paisagem laranja e negra; pelos meandros descem terraços vazios, naves de latão bolorento, portais cinzentos cujos móveis alvejou o musgo.

Rodam as Divindades Calvas e o ranger dos pneus no asfalto é como uma orquestra de surdos, um braço que quebra, uma cabeça entre rodas dentadas. Vão a todo vapor. Mas vocês acham que elas se perturbam ou dizem adêus? Nada disso: majestáticas, usam no pescoço lenços imóveis e vermelhos como línguas de enforcados: apenas o ar, de leve, as despenteia. . . Agora palpitam, se contraem, incham e desincham feito sapos salgados: brinquedo Estrela que balança a cabeça, solta o solidéu de rabino, pede água por sinais, a corda pára e vai deixando uma linha pontilhada nos movimentos das mãos. Imóvel.

Assim como em um altar ioruba as cabeças dos santos brilham no cálice, rodeadas de frutas podres e galos degolados, assim também entre kláxons e alavancas de um prato incandescente emergem as cabeças das Mortas-Vivas: olhos brancos sobre rostos brancos, cabelos de hortelã que cinge uma coroa de chamas, pálpebras rustidas de onde rodam dois fiapos que dividem seus semblantes em franjas-moedas bizantinas.

Elas são fluorescentes, são de acetileno, são tambores que magnetizam pássaros, são helicópteros, são cadeiras no fundo de um aquário, são eunucos obesos com os sexos diminutos entre flores cor-de-rosa, são piranhas, são anjos leprosos que cantam “Metamorfose, metamorfose”, são duas pobres criaturas querendo escapar de um Priapo aposentado. Merecem perdão.

Que mudança, queridas rãzinhas! Ao sinal verde as Divinas reaparecem no seu estado normal. Em suas Lambrettas, vestidas de couro, partem estrepitosas, soltando fumaça preta pelo cano de escapamento. Montadas nessas motocas e fantasias de delinquentes juvenis, vocês têm uma cara triste, como os cavaleiros de um carrossel de subúrbio!

A passagem das Lambrettas explica muita coisa: Flor, de bolero e chapéu tirolês disfarçando sua bola de bilhar, percorre, faz muito tempo, sua zona da Rua Zanja, gastando salto e calçadas. Ao anoitecer, ela decai do dólar ao peso, da cama ao catre, do whisky ao pingado, do yes ao sim. G. a vê passar, e fica como se visse chuva no deserto. Ela, sádica, sorri.

G. fica todo molhadinho quando vê as Peripatéticas se aproximarem. Vestidas de couro preto da cabeça aos pés, enfeitam os capacetes já mencionados com fotografias coloridas de Elvis Presley, medalhas de James Dean, autógrafos de Paul Anka, mechas de cabelo de Tab Hunter, impressões digitais de Pat Boone e o “calibre” de Rock Hudson.

Como tudo lhes cai bem! Paradas numa esquina, em plena oferta e procura, frente a um cartaz de Kolynos (o rei dos cremes dentais), presas entre a escova de dentes gigante e a espiral cor-de-rosa.

Aproxima-se o General. Diante de um anúncio desses, como resistir?

Auxílio (*transpirando na sua jacket*: temperatura média da “ínsula” 25 graus) – Calor, né?

General – Parece que vai chover.

(*Risinhos de todos os lados*).

